



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Autorretrato: Reflexões em Pintura
<b>Autor</b>	RODRIGO MAIA DE AGUIAR
<b>Orientador</b>	MARILICE VILLEROY CORONA

**Autorretrato: Reflexões em Pintura.**

Bolsista BIC-UFRGS: Rodrigo Maia de Aguiar  
Orientadora: Profa. Dra. Marilice Villeroy Corona

Este estudo, de natureza prático-teórica, é a continuação de meu projeto de pesquisa iniciado em 2016, e estrutura-se a partir da minha produção em pintura desde então. Está vinculado à pesquisa *A representação na pintura contemporânea: procedimentos metapicturais e outras estratégias*, da minha orientadora, Profa. Dra. Marilice Villeroy Corona. Partindo da pintura figurativa, desenvolvi um trabalho focado nos autorretratos, e a partir deles desenvolvi interesse pelo espelho enquanto elemento simbólico, bem como procedimento representacional estratégico. Desde então, surgiram questionamentos referentes à representação especular, à proliferação de diversos espaços dentro da imagem e como essas se relacionam com o que é externo ao suporte, externo ao limite quadrangular da tela.

Se antes havia o questionamento sobre a expressividade da própria linguagem a ser empregada (o gesto, a cor, o aspecto construtivo da figuração), agora há também questões sobre a constituição da imagem. O contato, nas etapas anteriores de minha pesquisa, com o trabalho de pintores tais quais João Fahrion, Richard Diebenkorn, Lucian Freud, entre outros, foi fundamental para desenvolver a minha prática como pintor. Mas, agora, surgem questionamentos acerca da natureza das imagens. O espelho-objeto que permanece em meu atelier começa a ser representado dentro das minhas pinturas. Vira assunto, também. O espelho é um tema caro à história da pintura e, posteriormente, à fotografia e ao cinema. Esse instrumento que me permite fazer os autorretratos agora também vira motivo e provoca novas situações. Para entendê-las, continuo buscando referências em outros artistas que abordam o tema de formas distintas e através de teóricos que trabalharam com assuntos relativos à história do espelho, como Sabine Melchior-Bonnet. A autora discorre sobre a sua importância como motivo representacional e como ferramenta do artista na história da pintura. Para mim tem sido fundamental compreender tanto seu aspecto prático como metafórico na articulação da linguagem. O espelho, como eu havia percebido nas etapas anteriores de minha pesquisa, cria a possibilidade de “*múltiplas perspectivas e suas distorções dentro da mesma imagem.*” (MAIA DE AGUIAR, 2017, pág. 15). Essas múltiplas perspectivas apontam para questões referentes ao enquadramento dentro da imagem. Nas palavras de Sabine Melchior-Bonnet, “*Organizando e fracionando o espaço segundo um enquadramento arbitrário, o espelho revela a relatividade das perspectivas*” (MELCHIOR-BONNET, 2016, pág. 187).

Logo, com relação às questões espaciais inerentes à teoria da pintura, aumentou meu interesse em explorar certos esquemas de configuração. Nesse sentido, os livros de Jacques Aumont, dedicados ao estudo da imagem (*A imagem e O olho interminável*) têm me proporcionado novas possibilidades para traçar relações entre a pintura, a fotografia e a linguagem e os códigos do cinema. A partir da pintura de *still frames* de cinema, surge também uma aproximação e interesse da exploração pictórica a partir da fotografia, a qual, num primeiro momento, manteve certa resistência. Agora, questiono, o que numa fotografia de referência é interessante buscar para que não se perca a gestualidade na pintura; e quais as transformações que ocorrem com a imagem quando ela é passada de uma linguagem para a outra.